

Os primeiros vestígios da esportivização das práticas equestres em Porto Alegre

The first vestiges of the sportivization of the equestrian practices in Porto Alegre

PEREIRA, E L; SILVA C F da & MAZO, J Z. Os primeiros vestígios da esportivização das práticas equestres em Porto Alegre. **R. Bras. Ci. e Mov.** 2014; 22(2): 121-132

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo compreender como as práticas equestres incorporaram elementos de esportivização, em Porto Alegre, entre meados do século XIX e o início do século XX. Para tanto, as práticas equestres foram tratadas como práticas culturais que produzem representações; assim, para a realização desta pesquisa histórica, foram analisadas informações coletadas em jornais e revistas porto-alegrenses que circulavam no período, como o Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul, a Revista Sportiva, a Revista do Globo, o Correio do Povo e a Gazeta de Porto Alegre. As práticas equestres são práticas culturais que estão relacionadas historicamente com a configuração do cenário sociocultural de Porto Alegre. O cavalo, para a identidade do sul-rio-grandense, representa um de seus símbolos, uma vez que sempre se associaram, ao longo da história do Rio Grande do Sul. A parceria entre homem e animal está presente, também, nos momentos de lazer e diversão. As fontes revelaram que, no contexto predominantemente rural, em Porto Alegre, na segunda metade do século XIX, emergiram as primeiras práticas equestres com elementos de esportivização. Neste período, já ocorriam, na cidade, práticas esportivas com a participação do cavalo, como, por exemplo, as “carreiras em cancha reta”, o turfe, e as touradas. Dentre estas, destacam-se o turfe como exemplo de práticas equestres que desenvolveram propriedades características de esporte moderno. Outras práticas equestres, relacionadas com a raça equina crioula, procuravam reproduzir o trabalho campeiro dos pampas sul-rio-grandenses, o qual ocorria já desde o século XVI. Algumas destas práticas são: o Freio de Ouro, o Tiro de Laço e o Crioulaço, as quais também despontavam elementos de esportivização.

Palavras-chave: História do Esporte; Turfe; Corrida de Cavalos.

ABSTRACT: This study aims to understand how equestrian practices have incorporated sportivization elements, in Porto Alegre, between the mid-nineteenth century and the early twentieth century. For that, equestrian practices were treated as cultural practices producing representations; thus, to accomplish this historical research, information collected from newspapers and magazines that circulated in Porto Alegre in the period were analyzed, such as the Sports Almanac of Rio Grande do Sul, Sportiva Magazine, Globo Magazine, Correio do Povo and Gazeta de Porto Alegre. Equestrian practices are cultural practices that are historically related with the the sociocultural setting configuration of Porto Alegre. The horse, for the identity of Rio Grande do Sul, is one of its symbols, since they have been always associated, throughout its history. The partnership between man and animal is also present in moments of relaxation and enjoyment. Sources revealed that within the predominantly rural context, in Porto Alegre, in the second half of the nineteenth century, the first equestrian practices with sportivization elements emerged. In this period, in the city, sports practices involving the horse were already occurring, for example, “straight line horse races”, turf, and bullfighting. Among these, we highlight turf as an example of an equestrian practice that has developed features properties of a modern sport. Other equestrian practices, related to the equine breed Crioulo, sought to reproduce the field work of Rio Grande do Sul’s pampas, which have occurred since the sixteenth century. Some of these practices are: the Golden Bridle, the shot of Lasso with Horse and the shot of Lasso with Crioulo Horse, which also sprouted sportivization elements.

Key Words: History of Sport; Turf; Horse racing

Ester Liberato Pereira¹

Carolina Fernandes da Silva¹

Janice Zarpellon Mazo¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Recebido: 17/07/2013

Aceito: 11/04/2014

Contato: Ester Liberato Pereira - ester_lp@yahoo.com.br

Introdução

O presente estudo trata de práticas culturais que estão relacionadas com a configuração do cenário sociocultural de Porto Alegre, bem como, do estado do Rio Grande do Sul: as práticas equestres. O Brasil caracteriza-se como um país que possui conhecimentos e tradições equestres desde o século XVII, quando torneios equestres passaram a ser realizados a partir da ocupação holandesa no nordeste brasileiro¹⁻². Neste mesmo período, no estado do Rio Grande do Sul, já havia redutos de criação de cavalos nas denominadas reduções jesuíticas, onde os indígenas tiveram seu primeiro contato com estes animais, passando a utilizá-los, paulatinamente, como meio de transporte, tração, auxiliar da caça, de disputas por territórios e montaria³.

O cavalo e o sul-rio-grandense sempre se associaram ao longo da história do Rio Grande do Sul, desde a sua formação enquanto um Estado, por meio de batalhas por conquistas de territórios, até as atividades de trabalho e transporte na vida campesina, como montaria e tração. Não seria surpreendente que tal parceria entre homem e animal estivesse presente, também, nos momentos de lazer e diversão. Em Porto Alegre, as práticas equestres manifestaram os primeiros vestígios de esportivização em uma conjuntura em que a organização esportiva estruturava-se de forma associativa na capital do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX⁴.

Na pesquisa de Mazo e Gaya⁵ demonstrou-se que, desde as primeiras manifestações do fenômeno do associativismo esportivo em Porto Alegre, por volta da segunda metade do século XIX, já ocorriam, na cidade, práticas esportivas que abarcavam a participação do cavalo. Como exemplos, citam-se as corridas de cavalos, conhecidas como “carreiras em cancha reta” e o turfe, que também são corridas de cavalos, mas em uma pista circular/elíptica. Outras práticas difundidas em Porto Alegre foram as touradas a cavalo, espetáculo que atraía grande público⁴.

As práticas equestres são entendidas como fenômeno cultural que apresenta uma diversidade peculiar à apropriação que lhe é conferida de acordo com o contexto sociocultural e o momento histórico a que estejam associadas. Assim, segundo Pereira⁴, as práticas equestres relacionadas com a raça equina crioula procuravam reproduzir o trabalho campeiro dos pampas sul-rio-grandenses, o qual ocorria desde, pelo menos, o século XVI. Tais práticas, além de desenvolverem elementos de esportivização, assumiram, em um contexto estabelecido e em determinado momento, uma finalidade utilitária distinta de um trabalho campeiro. Foi o caso das práticas que compõem o Prêmio Freio de Ouro, por exemplo, que, ao longo do tempo, conquistaram propriedades de esporte moderno, adquirindo-as em meados do século XX.

Perante este contexto, o presente estudo tem por objetivo

compreender como as práticas equestres incorporaram elementos de esportivização, em Porto Alegre, entre meados do século XIX e o início do século XX. A pesquisa limita-se a Porto Alegre, uma vez que a capital constituiu o centro das atividades hípias do Estado no período do estudo.

Materiais e Métodos

Inscrevendo-se este nas dimensões de um estudo histórico, procurou-se contemplar o objetivo proposto por meio de uma coleta de informações em fontes impressas, como o Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul, a Revista *Sportiva* e a Revista do Globo. Também foram pesquisados os principais jornais porto-alegrenses que circulavam no período demarcado, como os jornais *Correio do Povo* e *Gazeta de Porto Alegre*, classificando as notícias veiculadas nestes a partir do editorial, da reportagem e do conteúdo. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos científicos e dissertações visando abordar o contexto histórico da cidade no recorte temporal deste estudo. As informações obtidas foram submetidas à análise documental, de acordo com Bacellar⁶ e Pimentel⁷, tendo como orientação as ideias de Elias, Dunning e Guttmann acerca do esporte moderno e da esportivização. Na presente pesquisa, as práticas equestres foram tratadas como práticas culturais que produzem representações, assim como das representações estabelecidas por tais práticas podem ou não insurgir outras manifestações culturais identificadas ou identificadoras dos grupos sociais. O resultado da análise das informações coletadas nas fontes é apresentado nos tópicos que seguem.

Resultados

Carreiras de cancha reta

A apreciação do sul-rio-grandense pelo cavalo remonta à formação do Rio Grande do Sul. O cavalo já estava presente nos pampas sul-rio-grandenses¹ antes mesmo da fundação oficial da primeira povoação portuguesa na capitania do Sul, que ocorreu no ano de 1737. O estabelecimento de fronteiras definidoras do território brasileiro foi promovido, de forma significativa, por homens que, montados a cavalo, ocuparam e defenderam a terra em muitos combates⁹.

O cavalo não esteve presente apenas nas guerras, mas fez parte da história do Rio Grande do Sul durante suas diversas fases de ocupação, colonização e crescimento econômico. No meio rural, nos rodeios, como montaria, ou tração, o cavalo e o sul-rio-grandense sempre se associaram independentemente de serem tempos de paz ou de guerra. Tal parceria, desde tempos muito remotos, foi significativamente estabelecida, como nos atesta Callage¹⁰ em uma passagem de seu livro, publicada na Revista do Globo:

1 Campos sul-rio-grandenses cobertos de excelentes pastagens, as quais servem para criação de gado, principalmente bovino, cavalar e lanígero(8. NUNES ZC, NUNES RC. Minidicionário Guasca. Porto Alegre: Martins Livreiro; 1994.

[...] não erguemos ainda [...] um monumento ao gaúcho, um monumento ao cavalo², um monumento a ambos, já que ambos estão de tal forma ligados na vida campeira e na vida guerreira que seria offender a justiça, separar um do outro em qualquer homenagem daquela natureza¹⁰, p. 10.

Considerando-se o envolvimento dos sul-rio-grandenses com os cavalos no cotidiano e nos períodos das conquistas de território, não surpreende que, desde a segunda metade do século XIX, as oportunidades preferenciais de diversão e lazer também estivessem relacionadas às touradas, às cavalcadas e às corridas de cavalos. As corridas de cavalos, especialmente dos rústicos cavalos crioulos, já se configuravam como uma destas preferências. Os cavalos da raça crioula eram os principais companheiros dos sul-rio-grandenses em suas lidas diárias de trabalho campeiro. Estes animais desempenham uma função importante na cultura do Rio Grande do Sul por apreender-se que são, legitimamente, originados na região do Pampa¹¹.

Os ginetes (cavaleiros, soldados, regulares ou de piquetes, peões ou mesmo índios missioneiros), em pleno campo, se desafiavam, no retorno das campeiradas, conjecturando sobre quem possuía o cavalo mais veloz¹². A partir disto, emergem as denominadas “carreiras de cancha reta”. As regras desta prática possuem relação lógica entre meios e fins e configuram-se como artefatos culturais. As disputas ocorriam em pistas retas, sob a medida de quadras³, em uma cancha com o solo sem vegetação, ou seja, capinada, com a terra plana e raias pequenas e estreitas⁹. O costume das carreiras, ao passar a permitir a presença de espectadores, apresenta um invariável volume de dinheiro envolvido no jogo com as apostas, acabando por transformar-se, também, em uma atividade de negócio. Tais espectadores eram compostos majoritariamente por homens, independentemente da condição social¹⁵.

Após o término da Revolução Farroupilha (1835-1845), pôde-se perceber um novo período de reconstrução em todo o estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, a capital, estava à frente na retomada do desenvolvimento, com a construção de harmoniosos prédios públicos e a realização de melhorias urbanas. Ainda assim, diante de um cenário atravessado pelos ares da modernização, procurava-se uma maneira de conciliar a antiga paixão dos sul-rio-grandenses: as corridas de cavalos. Muitas disputas, portanto, ocorriam em trechos de estradas de acesso à cidade, na periferia ou na várzea, antes mesmo da inauguração do primeiro hipódromo em Porto

Alegre. O jornal *A Gazeta de Porto Alegre*, por ocasião da inauguração deste pioneiro hipódromo na cidade, em 1880, publicava: “[...] o Rio Grande é a Hungria do Brasil, - é a província em que todos sabem andar a cavalo e em que o cavalo desempenha um importantíssimo papel na economia social”¹⁶, p. 1.

De acordo com Rozano e Fonseca⁹, em 1852, há registros de corridas tipo cancha reta no Passo do Feijó, antigo nome do atual município limítrofe de Porto Alegre, Alvorada (onde, atualmente, existe um bairro chamado Passo do Feijó). Isto indica que as disputas que agradavam aos sul-rio-grandenses do interior do Estado ocorriam também na capital. Ao encontro de tal ideia, Franco¹⁷ apresenta o fato de que a corrida de cavalos, diversão predileta do campeiro sul-rio-grandense, foi praticada em Porto Alegre desde tempos remotos. O mesmo autor¹⁷ ainda acrescenta que Aquiles Porto Alegre⁴, em uma de suas crônicas, escreveu sobre esta prática equestre em Porto Alegre, na segunda metade do século XIX. Aquiles relatou que as corridas de cavalos, antes de existirem os hipódromos na cidade, eram realizadas em algum trecho de estrada ou no Campo da Várzea (atual Parque Farroupilha), próximo ao Colégio Militar. Este local parecia ser a cancha preferida, como bem retrata Franco¹⁷: “Aí se reuniam aos domingos e dias feriados, os moradores dos subúrbios e dos povoados vizinhos, que tinham paixão pelas corridas de cavalos”¹⁷, p. 204. No entanto, o Morro de Teresópolis era o lugar mais conhecido da cidade pelas disputas de carreiras¹⁷, 19.

As carreiradas constituíam um evento propício para o convívio social. Grande parte da população local se mobilizava, promovendo encontros entre amigos, que se configuravam, também, como um ambiente para ver e ser visto, pois até mesmo as mulheres tornaram-se espectadoras. Assim, “as carreiras em desafio foram acentuando, aos poucos, o ardor e o entusiasmo por esse gênero de esporte”²⁰, p. 23. Os habitantes ocupavam todos os espaços aos dois lados da cancha e, ali, passavam o dia inteiro¹². “Um desafio, precedido sempre de comentários e provas determina o juntamento de centenas de pessoas. A cavalo, de carro e outros meios de locomoção, o povo vai chegando e, dentro de pouco, nota-se a cancha ladeada por enorme massa popular”²⁰, p. 23. Desta forma, barracas eram armadas para vender comidas e bebidas, além do tradicional churrasco na região. “Improvizam-se casas de pasto, onde além do tradicional churrasco e o clássico chimarrão, se vendem outras iguarias. A viola entra em ação e o despique

2 Nas citações literais, optou-se por manter a grafia original do período, a fim de não descaracterizar ou alterar o sentido contido na fonte primária.

3 As canchas possuíam metragens de 300, 400 ou 500 metros¹³, ou seja, cerca de duas, três ou até quatro quadras, respectivamente, já que uma quadra equivalia a 128 metros⁹. Golin¹² afirma que os carreiristas sempre preferiam uma cancha reta com uma metragem não muito longa, com um percurso de aproximadamente 260 a 400 metros, ou duas a três quadras no máximo. Bento¹⁴, p. 17) destaca que, mesmo depois da instituição do sistema métrico pela Lei n. 1157, em 1862, as corridas de cavalos ainda foram realizadas por quadras ou voltas por muitos anos resistindo à imposição legal. Apesar de ter sido prevista a substituição gradual do sistema de pesos e medidas em todo o Império em 10 anos, isto não aconteceu e ainda tardou alguns anos até o brasileiro se adaptar ao novo sistema.

4 Aquiles Porto Alegre foi também jornalista, editor, diretor e dono do *Jornal do Comércio* (1884-1903); colaborador do jornal *Correio do Povo*, do seu genro Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior; e, *Última Hora* (1922); historiador, cronista e escritor, além de sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (18).

se dá entre os trovadores e os presentes”^{20, p. 23}.

A partir do cenário descrito, percebe-se que o habitante dos campos sul-rio-grandenses admirava e prestigiava tais corridas, as quais, além de fazerem parte de negócios que envolviam grandes somas de dinheiro, integravam brincadeiras, ocorrendo nas tardes dos fins de semana na capital e em muitas cidades do interior do Estado também. Há relatos de que a tradição das corridas de cavalos no Rio Grande do Sul exista desde a chegada dos primeiros animais⁵ em seu território⁹. Conforme Golin¹², as carreiras de cancha reta eram “o esporte e o jogo de preferência do homem do pampa” (p. 82).

Desde os primeiros vestígios desta prática equestre, se podia observar uma preocupação de participação com certa garantia de sucesso, ou seja, a característica pressão moderna pelo resultado, da qual resulta a especialização, conforme Guttman²¹. Deste modo, emergiram duas especialidades atreladas às carreiras de cancha reta: a do “compositor” e a do jóquei¹². Até os dias atuais, no pampa, o treinador de cavalos é chamado de “compositor”. Eram estes treinadores que determinavam a alimentação e o treino básico dos animais. De tal modo, alimentavam os cavalos com milho e alfafa fenada, além de aplicar-lhes banhos. Como parte do treinamento, as arrancadas e as corridas tinham o intuito de deixar estes animais fortes e velozes. Percebe-se que, neste contexto, o treinamento parecia restringir-se somente aos animais.

Igualmente, passou a ocorrer uma especialização dos cavalos que disputavam tais carreiras: os mais aptos para tal, em função das qualidades físicas exigidas, de força e velocidade aliadas, eram os cavalos de trabalho, os crioulos. Estes equinos, de procedência ibérica, possuíam predominância de sangue árabe. Com o passar dos séculos, foram apurados e terminaram se definindo como raça específica do Cone Sul (nome comumente relacionado à parte meridional da América do Sul) e muito valorizada nas atividades de pastoreio.

Ao seguir a vertente de análise de Guttman²¹, com relação ao intrincado sistema de pessoal de apoio e ao movimento primário, secundário e terciário, de acordo com o grau de envolvimento com a prática em si, ainda podem-se identificar outras especialidades. Além do jóquei, do cavalo e do “compositor”, a conjuntura das carreiras de cancha reta ainda envolvia os apostadores, que eram pessoas, geralmente, diretamente ligadas ao campo; os bolicheiros, que eram os donos dos bolichos, casas de negócio de pequeno sortimento, os quais armavam ramadas (abrigos) para vender comidas e bebidas^{8, p. 26}; espectadores; e os juízes de partida e de chegada. Como forma de organização da disputa, os juízes utilizavam um laço ou uma bandeira para dar a largada e conferiam qual conjunto havia cruzado primeiramente a linha de chegada.

Durante o século XIX, o que predominara em termos de práticas entre os porto-alegrenses foram atividades lúdicas em recinto fechado: o teatro, a música, o baile, o recitativo, os bilhares e as disputas de carteados. A exceção ficava por conta dos imigrantes alemães e de seus descendentes, ou seja, os teuto-brasileiros. Estes se mostravam mais afeitos à ginástica⁵, ao tiro-ao-alvo²²{ASSMANN, 2012, As schützenvereine sociedades de atiradores de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul.}{ASSMANN, 2012, As schützenvereine sociedades de atiradores de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul.}{ASSMANN, 2012, As schützenvereine sociedades de atiradores de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul.}{ASSMANN, 2012, As schützenvereine sociedades de atiradores de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul.}, e remo^{23, 24}. Tais práticas foram institucionalizadas por meio da organização de associações esportivas pela iniciativa de membros da comunidade alemã na cidade de Porto Alegre⁵.

Na transição do século XIX para o XX, no que se refere ao lazer e às diversões ao ar livre, praticamente, só havia o antigo costume sul-rio-grandense das carreiras de cancha reta, o que é condizente com a estrutura rural predominante na cidade. Uma análise a partir do entendimento de Guttman²¹ acerca das carreiras de cancha reta em Porto Alegre revela que esta prática equestre não comportava todas as características necessárias para configurar-se como esporte. Não foram localizados, nas fontes acessadas, indícios de que estas corridas dispusessem de uma rede de burocratização e de entidades institucionalizadas na cidade, por exemplo. A sua ocorrência, deste modo, não estava atrelada à configuração de um associativismo esportivo, mas sim dependia da iniciativa de pessoas. Estas, no entanto, não se encontravam vinculadas formalmente com base na organização de uma entidade para tal, característica fundamental na configuração de um esporte moderno.

As corridas de cavalos com um novo formato (circular/elíptico) são registradas apenas em 1872²⁵, quando foram realizadas exposições no Campo da Várzea (atual Parque Farroupilha) onde tantas iniciativas esportivas tiveram lugar. O estudo de Mazo e Gaya⁵ registrou a realização de outras práticas esportivas além das corridas de cavalo, como, por exemplo, a natação e o atletismo no Campo da Várzea. Neste espaço, conviviam esportes e outras manifestações culturais, como foi o caso das Touradas.

Touradas a cavalo

Juntamente com as carreiras de cancha reta, outra prática equestre da qual se dispõe de registros de que compôs as primeiras atividades de diversão e lazer com a participação

⁵ No contexto mundial, de acordo com Bento(14), as primeiras corridas de cavalos surgiram na Europa como um meio de divertimento público. Os gregos e os romanos mostravam sua arte por meio da Equitação nos dias de solenidade.

do cavalo, em Porto Alegre, são as touradas. Nas últimas décadas do século XIX, as touradas eram realizadas nos Campos da Várzea, que abrigavam o Circo de Touros ou Praça de Touros, em frente à Rua da República²⁶. Neste local, as touradas eram assistidas por um público que abarcava desde as camadas mais populares até a classe com alto poder aquisitivo da sociedade²⁷. Semelhante a uma arena, o circo era de madeira, não tinha cobertura e os camarotes ficavam na parte superior das arquibancadas.

Um dos tipos de tourada realizados na cidade era muito semelhante à tourada portuguesa, em que há a lide a cavalo²⁷. Apesar de não estar documentada a raça equina que se utilizava para tal fim em Porto Alegre, os cavalos da raça lusitana são os animais empregados nas touradas portuguesas, de onde provavelmente originam-se as touradas na cidade. Estes cavalos, assim como os da raça crioula, também são fortes, porém mais tranquilos e extremamente corajosos perante o touro. É justamente em função destas características que os cavalos lusitanos são especialistas em touradas.

A prática da tourada constitui a configuração mais corriqueira da tauromaquia portuguesa, e estabelece-se em torno dos cavaleiros, os quais, nesta prática equestre, passam a ser os protagonistas da ação²⁸. No passado, as touradas eram vistas como uma arte dos aristocráticos, que nela vislumbravam uma forma de divertimento, uma ocasião para celebrar e um exercício para as batalhas de guerras. Porém, esta funcionalidade foi apagada e a profissionalização do saber-fazer dos cavaleiros nobres passou a consistir em uma oportunidade para a representação da pequena burguesia falida, ou seja: transitou para uma funcionalidade simbólica, ao procurar afirmar uma relação social abarcando a propriedade latifundiária.

De acordo com Guttman²¹, as touradas são muito antigas, reveladas por mosaicos descobertos na antiga Creta como prováveis partes de rituais religiosos. No contexto porto-alegrense, secularizadas, isto é, sem fins utilitários, as primeiras touradas de que se tem notícia ocorreram em 1875. Estas ajudaram a animar as tardes de domingo no Campo da Várzea, por um longo tempo. Franco¹⁷ refere que, no período inicial, contam os cronistas da época, estes espetáculos atraíram um público numeroso. As crianças e as mulheres também vibravam com os embates entre homens e touros.

Outro viés pelo qual se pode analisar a tourada é o da não existência da igualdade em sua prática. A tourada, por excelência, conforme Guttman²¹ apresenta um *status* de desigualdade. Nos eventos de touradas em Porto Alegre, ocorria o enfrentamento entre homem e touro, ou seja, uma disputa em desigualdade física, em que o toureiro, ao esperar pelo ataque do touro de costas e, muitas vezes, ajoelhado, vira-se instantaneamente com o objetivo de prender-se em seus chifres, mantendo-se aí firmemente por um período de tempo.

Em Porto Alegre, outra forma de tourada era realizada, muito semelhante à tourada portuguesa, em que há o combate a cavalo²⁷. Tais touradas, possivelmente, foram

apropriadas pelos porto-alegrenses em função da imigração açoriana que remonta às origens da cidade. Neste formato, o touro é enfrentado não mais por um toureiro, mas sim por um cavaleiro (ou picador), o qual tem por objetivo atingir o touro com ferros sem deixar que este toque em seu cavalo.

É exigida muita habilidade do conjunto cavalo-cavaleiro nesta prática de tourada, a qual pode representar uma aproximação da característica de igualdade, uma vez que o homem passa a dispor das vantagens de se duelar com o touro sobre o dorso de um cavalo. Todas as vantagens físicas daí advindas (maior força, estatura, agilidade e proteção) podem indicar uma modificação que resultou em uma aproximação do ideal de igualdade inerente ao esporte moderno. O homem passa, então, a acessar a ação com o touro dispondo de condições que diminuem a distância entre as chances de cada um de obter a vitória.

Contudo, a igualdade de condições para competir ainda não era contemplada em sua plenitude ao ter-se o toureiro, agora cavaleiro, disputando a tourada sobre um cavalo. As diferenças físicas entre estes dois animais, touro e cavalo, ainda persistiam, já que o touro possui seu par de chifres para defender-se e o cavalo, apesar de não possuir tal recurso, tem na fuga ágil e habilidosa sua principal defesa na batalha. Certamente que estas qualidades diferentes resultam em atuações desiguais na arena.

Próximo ao final da década de 1890, segundo Franco¹⁷, o circo de touros em Porto Alegre começou a enfraquecer. Seus últimos espetáculos de touradas ocorreram no primeiro semestre de 1898, tendo ampla repercussão na imprensa local. No fim de abril do mesmo ano, o jornal A Federação publica a despedida de um dos toureiros, o qual declarou “[...] não haver mais condições de trabalho”, desculpando-se com a população pela falta de touros, de músicos e de ferros^{26, p. 78}. Tal passagem ilustra diferentes tipos de acesso a esta prática: enquanto para alguns, a tourada significava uma profissão para se conquistar o sustento, para outros, em contrapartida, ela representava momentos de lazer, diversão, distração e, até mesmo, distinção, ao ocupar os camarotes na parte superior das arquibancadas e, daí, contemplar o evento. Isto se faz notar no trecho de uma reportagem do jornal Correio do Povo, a qual destaca: “o que de mais distinto, tanto no bello sexo, como no masculino, possui a nossa sociedade, se via no circo, que apresentava, nesse dia, o mais attraente aspecto”²⁷.

A respeito da plateia, Franco¹⁷ adverte que, no final do século XIX, os espectadores encontravam-se decepcionados com a pouca ferocidade dos animais e mais viaavam do que aplaudiam. Este autor apresenta a citação de um jornalista que chegou a definir os touros como “um mais manso do que o outro, uma legítima terneirada tambeira”^{17, p. 103}. Ao almejar animais mais ferozes, os espectadores destas touradas podem exemplificar aquilo que Elias²⁹ apresenta acerca do divertimento e do prazer relacionados a tragédias e guerras. Estes despertariam temor, aflição, agonia, cólera, ira e muitos outros sentimentos os quais seriam evitados, se possível, na vida real, da mesma forma que se tenta evitar uma doença, por exemplo. Contudo, tais sentimentos são

estimulados por simpatia e pela compaixão que incentivam estas ocasiões de divertimentos, tais como ao assistir um toureiro prestes a enfrentar um touro muito feroz em uma arena.

Elias²⁹ alude que psicólogos relacionam a procura por este tipo específico de tensão em passatempos excitantes com a necessidade, imposta pela vida moderna, de liberar outras atividades mentais além daquelas esgotadas na vida diária de trabalho. Esta forma de excitação relacionada, frequentemente, com o medo, com a tristeza e com outras emoções miméticas que procurariam ser evitadas na vida cotidiana, constitui uma maneira de mostrar que o aumento das tensões é um ingrediente essencial neste tipo de divertimento de lazer. Os sentimentos dinamizados em uma situação imaginária de uma atividade humana de lazer têm afinidades com os que são desencadeados em situações reais da vida – é isto que a expressão “mimética” indica. Do mesmo modo, os espectadores de uma tourada podem aproveitar a excitação mimética de um confronto entre dois seres vivos, evoluindo de um lado para o outro no terreno de uma arena, com a ansiedade de não saber se algum mal acontecerá a um dos dois; mas, com a certeza de que nenhum mal ocorrerá a si. A simples “libertação das tensões” ou “recuperação do trabalho” constituem hipóteses insuficientes para explicar a tensão/excitação procurada por meio dos movimentos corporais. Se assim o fosse, as pessoas gastariam o seu tempo livre em atividades características desta esfera, apenas passeando, se descontraindo ou descansando, ao invés de procurar pelas tensões e excitações provocadas pelos movimentos de seus corpos.

Eventuais reflexões poderiam ser suscitadas com relação à validade das touradas, em função da discussão levantada por alguns grupos de defesa dos direitos dos animais. Estes criticam a prática da tourada por considerarem-na uma ação de atrocidade sem justificativa, a qual não se insere nas tradições humanistas⁶. Entretanto, considerando o objetivo deste estudo, que busca discorrer acerca da esportivização das práticas equestres à luz da classificação de Elias, Dunning e Guttmann, tem-se que, em Porto Alegre, a prática das touradas afastava-se da configuração de um esporte moderno, enquanto que outra prática equestre aproximava-se da ideia do esporte: o Turfe.

Turfe

Nos anos de 1870, chegou, à cidade, o domador capitão Luiz Jacome de Abreu e Souza, que disseminava um novo

método de domar potros, aspecto muito importante antes de se iniciar a preparação de um cavalo para qualquer prática equestre. Segundo Franco¹⁷, Luiz Jacome era um apaixonado hipólogo e professor de equitação que pretendia despertar o interesse pela criação do cavalo puro-sangue inglês (a raça desenvolvida para as corridas de cavalos) e, na mesma medida, pelo turfe. Apesar do significativo sucesso da sua iniciativa, somente cinco anos mais tarde, em 1877, foi valorizada a nova proposta de corridas que, posteriormente, viria a constituir, em Porto Alegre, o que conhecemos por turfe, e, por consequência, o primeiro hipódromo⁷ da cidade foi construído.

O Prado Porto-Alegrense foi o primeiro hipódromo de Porto Alegre, posteriormente denominado como *Boa Vista*, inaugurado entre os atuais bairros Partenon/Santana, na atual Rua Vicente da Fontoura¹⁴. O advento das corridas em pistas circulares ou elípticas, além do fato de que as corridas de cavalos passaram a constituir espetáculos ainda mais emocionantes, levou a um aumento na afluência, passando a exigir locais mais adequados para o público¹⁵.

Depois do Boa Vista, ainda em 1877, iniciou-se a construção do Prado Rio Grandense, que entrou para a história do turfe e da cidade como Menino Deus, uma vez que se situava neste bairro²⁵. Este segundo prado oficialmente instalado em Porto Alegre, foi inaugurado em 1881 no local do antigo parque de exposições, na atual Avenida Getúlio Vargas, onde está a sede da Secretaria da Agricultura do Estado⁹.

O Prado Navegantes teve suas atividades iniciadas em 1891. Situava-se a 500 metros da linha do bonde, proximidade almejada por todos os prados da época. Apresentava acesso pela Rua do Prado (atual Rua Lauro Müller), do Bairro Navegantes. Este bairro, posteriormente, sediou o grupo Renner, uma empresa que promoveu a prática esportiva entre os funcionários, destacando-se o futebol³³.

Em 1894, Franco¹⁷ registrou a inauguração de outro prado, destinado a tornar-se o único durante muito tempo e a centralizar decisivamente as atividades turfísticas da cidade. Tratava-se do Prado Independência, localizado no Bairro Moinhos de Vento, em terreno onde atualmente situa-se o Parque Moinhos de Vento (popularmente conhecido como “Parcão”). “Com o passar do tempo, o hipódromo passaria a ser chamado de Prado do Moinhos de Vento”¹⁵, p. 22. Este prado localizava-se entre a Rua Mostardeiros e um pequeno trecho da Rua Independência (atual Rua 24 de Outubro).

6 Em Portugal e na Espanha, desde 2009, há regiões que proibiram a realização de touradas(30). Em Porto Alegre, houve touradas até o fim do século XIX, com cavaleiros, bandarilheiros (toureiros que, a pé, espetam bandarilhas no touro), forçados (homens que nas touradas fazem as pegs, enfrentando o touro corpo a corpo) e pega (a de agarrar o touro à mão, pelo cachaço ou pelo lombo), assim como pantomimas tauromáquicas; contudo, não identificamos se o animal era sacrificado nas apresentações, consideradas eventos sociais, recreativos e artísticos (27). Em 1922, dentre as festividades do centenário da independência no Rio de Janeiro, realizaram-se touradas com registro cinematográfico(31).; posteriormente foram proibidas, em 1934, por Getúlio Vargas, juntamente com as rinhadas de galo(32).

7 Ao consultarem-se dicionários da língua portuguesa, também se encontra o emprego como sinônimos dos conceitos de “hipódromo” e “prado”. O termo “prado” tem sua origem em razão das amplas áreas verdes onde eram construídos os hipódromos com o novo formato (circular/elíptico) no estado do Rio Grande do Sul. Em função disto, os frequentadores começaram a denominar estes locais de prados, já que todos eles se situavam em meio a campinas planas, cobertas de pastagens(15).

Destarte, na década de 1890, havia quatro prados funcionando simultaneamente na cidade. A presença de vários prados, por algum tempo, possibilitou o desenvolvimento do turfe sul-rio-grandense, que se transformou em um dos principais espetáculos esportivos no início do século XX, em Porto Alegre. Estes fatos evidenciam que, à medida que foram sendo criados os prados, as corridas de carreiras de cancha reta começaram a perder espaço na cidade⁵. Estas, possivelmente, constituem uma prática equestre a qual, em seu processo de desenvolvimento, podem ter constituído os primórdios das corridas de cavalos como até os dias atuais se conhece em Porto Alegre: o turfe.

Uma prática equestre que representava momentos de lazer e um jogo de azar, como as carreiras de cancha reta, ao relacionar-se com o contexto sociocultural e político-econômico, passou a incorporar elementos de esportivização. Contudo, o turfe ainda sustenta as representações de oportunidades de diversão e lazer, além de um jogo de azar e apostas; percebe-se, assim, que entre as carreiras de cancha reta e o turfe não há somente rupturas, mas também continuidades. Processo semelhante também pode ser identificado em algumas práticas equestres relacionadas à raça crioula, presentes no trabalho campeiro dos pampas sul-rio-grandenses desde, pelo menos, o século XVI³⁴. Tratam-se das práticas que compõem o Prêmio Freio de Ouro, as quais, em determinado momento, passaram a assumir, em um contexto estabelecido, uma finalidade utilitária distinta daquela até então constituída de um trabalho campeiro.

Freio de Ouro, Tiro de Laço e Crioulaço

O Prêmio Freio de Ouro é promovido há 31 anos pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC), entidade organizada em 1932. A procedência desta, que é a prova da ABCCC mais importante, encontra-se na cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, durante a década de 1970. Até este período, ocorriam somente exposições morfológicas, mas em razão da preocupação com a funcionalidade do cavalo crioulo, alguns criadores da cidade estabeleceram a Primeira Exposição Funcional. Nesta primeira edição, as instalações eram simples e o número de participantes era limitado. O sucesso do evento, nos anos seguintes, chamou a atenção da ABCCC, pois esta nova prova combinava funcionalidade e morfologia³⁵.

As provas que constituem o Prêmio Freio de Ouro têm por objetivo, portanto, além de difundir, promover e valorizar a raça crioula de equinos, servir-se das mesmas como um instrumento de seleção de animais, isto é, reproduzir o trabalho de campo e utilizá-lo como método de avaliação¹¹. Nesta triagem, é avaliada a morfologia, por meio da verificação do enquadramento do cavalo nos modelos da raça, e a sua funcionalidade, por meio da avaliação da atuação do conjunto ginete e cavalo em práticas que reproduzem

os serviços de campo. Trata-se de provas que são mais direcionadas à avaliação do animal e visam ao melhoramento da raça equestre específica, valorizando a reprodução daqueles animais com maior destaque em sua atuação nestas disputas. Ou seja, não são realizadas apenas pelo prazer em si na prática e nem com o objetivo do trabalho campeiro, embora mais ligadas à população predominantemente rural, de vida campesina e de lida campeira.

As práticas equestres que compõem o Freio de Ouro apresentam as características do esporte moderno, conforme o pensamento de Guttmann²¹. Contudo, não possuem um aspecto fundamental proposto por Elias e Dunning³⁶: a busca pelo prazer por meio da prática em si. Em detrimento disto, o que se identifica é um fim utilitário, a saber, o julgamento dos cavalos da raça crioula com o intuito de aperfeiçoá-la.

As provas de Tiro de Laço e Crioulaço, por sua vez, também realizadas com cavalos crioulos, são desempenhadas pelo prazer em si na prática. Tais disputas fundamentam-se no que é realizado nas estâncias, quando existe a necessidade de imobilizar um boi/novilho⁸ para cuidá-lo ou marcá-lo³⁵. Desta forma, estas provas consistem em utilizar o cavalo e uma corda de couro para perseguir e laçar uma rês por uma pista de 100 metros de distância.

O tiro de laço é uma prática equestre que apresenta elementos de esportivização, tendo emergido, com esta configuração, em Esmeralda, quando esta localidade ainda configurava um distrito de Vacaria, na década de 1950³⁷. Neste local, foi realizado o primeiro torneio de laço no Estado, com características competitivas, e que originou os atuais rodeios em que são realizadas as provas de tiro de laço. Em Porto Alegre, é provável que esta prática tenha seus primórdios atrelados ao primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), o “35 CTG”, fundado em 1948³⁸. Conforme Orreda³⁹, os CTG’s constituem pólos difusores da cultura tradicionalista sul-rio-grandense, tendo como intuito tanto a preservação quanto a divulgação das práticas campeiras e artísticas tradicionais.

As disputas de tiro de laço, no Rio Grande do Sul, são realizadas, geralmente, com cavalos crioulos. Os animais desta raça, em especial, são os principais companheiros dos sul-rio-grandenses em suas lidas diárias de trabalho campeiro. Além disto, conforme reportagem publicada no jornal *Correio do Povo* de 1912, “o cavalo crioulo é forte, é ágil, é de uma rusticidade a toda prova”⁴⁰, p.25. Ao considerarem-se tais características destes animais, assim, tem-se que conformavam a raça equina mais adequada para o serviço campeiro. Os cavalos crioulos foram selecionados, assim, ao longo do tempo, para tal fim, tornando-se a sua criação indispensável nas estâncias.

O Crioulaço é uma prova de tiro de laço com regulamento específico para uma disputa somente entre cavalos crioulos, criada pela ABCCC. A primeira prova do

8 “Novilho” é um termo utilizado para o boi que se encontra na idade de um a seis meses.

Crioulaço foi realizada, oficialmente, em 1992, na cidade de Cacequi, no Rio Grande do Sul. O grande diferencial entre o Tiro de Laço e o Crioulaço é que este último, além de só permitir a participação exclusiva de cavalos crioulos, é disputado em duplas, e não individualmente, como no Tiro de Laço. Ao longo do tempo, o Crioulaço conquistou numerosos praticantes e, atualmente, na final da prova, realizada anualmente, no mês de janeiro na cidade de Esteio, o número de participantes ultrapassa 600 competidores, todos devidamente qualificados nas provas de suas regiões.

Tanto as provas de Tiro de Laço como as do Crioulaço, desempenhadas sem um fim utilitário e pelo prazer em si na prática, são originadas da equitação sul-rio-grandense campeira e utilitária. A ABCCC instituiu regras características no Crioulaço para a competição entre conjuntos envolvendo cavalos crioulos pelo puro prazer do momento de laçar a rês. Para a prática, assim como no tiro de laço, também se serve de uma cancha de 100 metros onde o cavaleiro espera, com seu laço preparado, o boi ser solto do brete. A partir disto, é preciso, então, laçar o animal pelos chifres antes da cancha acabar. Vence a dupla que alcançar o maior número de “armadas” (laçadas na altura dos chifres do boi). Ou seja, laça-se a rês sem um fim utilitário, mas sim pelo simples prazer da atividade em si.

O Crioulaço é uma prática que cristaliza representações sociais produzidas como técnicas de lida campesina, segundo Pimentel⁴¹, porém sem um fim utilitário em sua configuração competitiva. Observam-se, tanto no Tiro de Laço como no Crioulaço, manifestações de algumas características propostas por Guttman²¹ como essenciais ao seu conceito de esporte. Portanto, esta antiga lida equestre de imobilizar um boi originou as práticas equestres com elementos de esportivização do Tiro de Laço e o Crioulaço.

Nesta medida, a equitação sul-rio-grandense, campeira e utilitária, dispõe do ato de montar um cavalo crioulo como um capital cultural herdado por meio de aprendizados realizados nos espaços familiares. Estes aprendizados, ao contrário daqueles escolares sistemáticos, são assinalados pelo seu desprendimento, garantindo ao seu portador certa destreza na apreensão e apreciação cultural.

Cabe referir, ainda a respeito da representação cultural que o cavalo crioulo tem para o Estado, o fato de que a Lei nº 11.826, sancionada em 2002, passou a reconhecer este animal como símbolo cultural do Rio Grande do Sul⁴². Por meio do deputado estadual, agrônomo e ex-presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Frederico Antunes, o cavalo crioulo é incluído, juntamente com a ave “Quero-quero”, como animal símbolo do Rio Grande do Sul, reconhecido e reiterado oficialmente como patrimônio do Estado. Tal iniciativa, contudo, pode representar, para além de um incentivo ao cavalo crioulo como um capital cultural, uma tentativa de impulsionar esta raça equina economicamente, evidenciando seu valor para o trabalho de lida campeira e lugar de realce no panorama mundial dos esportes equestres, valorizando-o, também, como capital econômico.

Em entrevista realizada com 1.200 sul-rio-grandenses,

como parte de uma pesquisa de opinião pública executada pela Segmento Pesquisas de Marketing⁴³, 55% dos entrevistados, ao responderem à pergunta “Se o Rio Grande do Sul fosse um animal, qual seria?”, mencionaram o cavalo. Ao justificarem sua opção, em geral, as características pertencentes ao cavalo predominantemente apontadas por tais indivíduos remontam à representação histórica deste animal para o Estado junto às conquistas territoriais, guerras e trabalho de lida campeira, tais como “garra”, “força”, e, especialmente, “acompanhar o gaúcho como símbolo de tradição” (p. 99). Percebe-se que, mesmo recentemente, o imaginário ligado ao cavalo crioulo, no Rio Grande do Sul, ainda estabelece articulações com os primórdios da utilização deste animal ligados a batalhas e ao labor, apesar do emprego desta raça equina já ter se expandido para práticas com elementos de esportivização, conforme Sarmento⁴⁴.

Tem-se, desta forma, que a diversidade existente dentre as práticas equestres estabelece-se em função de inúmeros aspectos: desde os diferentes tipos de animais adequados para a utilização em cada uma, até a presença ou a ausência de um objetivo para além do prazer pela prática em si. Tome-se, por exemplo, o salto do hipismo. Esta prática, diferentemente das carreiras de cancha reta e do tiro de laço, demanda a utilização de outro tipo de cavalo, mais leve, ágil e de grande porte, geralmente das raças “brasileiro de hipismo”, “puro sangue inglês”, entre outras. Porém, assim como o tiro de laço e as carreiras de cancha reta, em Porto Alegre, o salto hípico também apresenta a ausência de finalidade para além do prazer pela prática em si.

Discussão

A visão analítica, amparada pelas categorias da História Cultural, fez-nos apreender que o cavalo e o sul-rio-grandense sempre estabeleceram uma integração ao longo da história do Rio Grande do Sul. A utilização do cavalo acompanhou o processo de desenvolvimento do Estado, adaptando-se não somente às novas condições impostas pela paulatina urbanização, mas também aos novos sentidos atribuídos às práticas equestres. Se, em um determinado período, o cavalo representou, para o sul-rio-grandense, um auxílio/arma de guerra e duelos por conquistas de territórios, em outro momento, este animal passava a simbolizar a possibilidade de trabalhar nos campos com o gado bovino. Nesta medida, seria condizente que tal parceria entre homem e animal estivesse presente, também, nos momentos de lazer e divertimento.

As carreiras em cancha reta, com os rústicos cavalos crioulos, se configuravam como uma das preferências. Emergem dos desafios entre os ginetes, no campo, para descobrir quem possuía o cavalo mais veloz. No contexto desta prática equestre, já se podia observar a preocupação com certa garantia de sucesso na corrida, ou seja, a característica pressão moderna no resultado, da qual resulta a especialização. Em razão disto, passam a existir especialidades atreladas às carreiras de cancha reta, como, por exemplo, a do “compositor” (treinador de cavalos), a

do jóquei e a dos próprios cavalos que participavam de tal prática.

Nas primeiras carreiras de cancha reta, em Porto Alegre, identificaram-se elementos que indicam um incipiente processo de esportivização, sob uma análise a partir do entendimento de Guttmann acerca do esporte. Não foram localizados, nas fontes acessadas, indícios de que estas corridas dispusessem de uma rede de burocratização e de entidades institucionalizadas na cidade. De tal modo que sua ocorrência não estava atrelada à configuração de um associativismo esportivo, dependendo muito mais da iniciativa de algumas pessoas, as quais não se encontravam vinculadas formalmente com base na organização de uma entidade para tal.

Juntamente com as carreiras de cancha reta, outra prática equestre da qual se dispõe de registros de que compôs as primeiras práticas voltadas à diversão e lazer com a participação do cavalo, em Porto Alegre, são as touradas. No contexto porto-alegrense, as primeiras touradas, já secularizadas, isto é, sem fins utilitários, de que se tem notícia, ocorreram em 1875. Ao analisarmos as touradas no cenário de Porto Alegre, pelo viés da igualdade de condições de competição, percebe-se que ocorria o enfrentamento entre homem e touro, ou seja, uma disputa em desigualdade física. Contudo, também era realizado um tipo de tourada muito semelhante à tourada portuguesa, em que há a lide a cavalo. Desta forma, o touro é enfrentado não mais por um toureiro, mas sim por um cavaleiro (ou picador), o qual tem por objetivo atingir o touro com ferros sem deixar que este toque em seu cavalo.

Destarte, todas as vantagens físicas advindas do cavaleiro (maior força, estatura, agilidade e proteção) podem indicar uma modificação que resultou em uma aproximação do ideal de igualdade inerente ao esporte moderno. Tendo por base, por exemplo, a característica da igualdade, desenvolvida por Guttmann, tem-se que, em Porto Alegre, no início do século XX, a prática das touradas afastava-se da configuração de um esporte moderno. Além disto, percebem-se diferentes tipos de acesso à competição: enquanto para os pertencentes às classes populares, a tourada significava uma profissão para obter o sustento, para outros, integrantes das elites econômicas da cidade, em contrapartida, ela representava momentos de lazer, diversão, distração e, até mesmo, distinção, ao ocupar os camarotes na parte superior das arquibancadas e, daí, contemplar o evento.

Também contando com arquibancadas em sua estrutura, desde o último quartel do século XIX até o final da década de 1890, quatro hipódromos foram organizados em Porto Alegre e passaram a funcionar simultaneamente. Tal fato possibilitou o desenvolvimento do turfe sul-rio-grandense, que se transformou em um dos principais espetáculos esportivos no início do século XX, em Porto Alegre. Portanto, a partir da utilização do cavalo para o lazer, surge, em Porto Alegre, a prática esportiva do turfe. À medida que foram sendo criados os hipódromos, as corridas de carreiras de cancha reta começaram a perder espaço na cidade. Estas, possivelmente, constituem uma prática equestre a qual, em

seu processo de desenvolvimento, pode ter constituído os primórdios das corridas de cavalos como até os dias atuais se conhece em Porto Alegre: o turfe. O processo histórico desta prática equestre acompanhou o processo de modernização da cidade e representava momentos de lazer e um jogo de azar, como as carreiras de cancha reta. Estas, ao relacionarem-se com o contexto sociocultural e político-econômico de uma urbanização do espaço onde se inserem, passaram a incorporar elementos de esportivização. Contudo, o turfe ainda sustenta as representações de oportunidades de diversão e lazer, além de um jogo de azar e apostas.

Um processo semelhante também pode ser identificado em algumas práticas equestres relacionadas à raça crioula. Presentes no trabalho campeiro dos pampas sul-rio-grandenses já desde, pelo menos, o século XVI, tais práticas, em determinado momento, passam a assumir, em um contexto estabelecido, uma finalidade utilitária distinta daquela até então constituída de um trabalho campeiro. Tratam-se das práticas que compõem o Prêmio Freio de Ouro, cujo objetivo, além de difundir, promover e valorizar a raça crioula de equinos, serve-se das mesmas como um instrumento de seleção de animais.

As práticas que compõem o Freio de Ouro apresentam todas as características do esporte moderno de Guttmann; contudo, não possuem um aspecto fundamental proposto por Elias e Dunning: a busca pelo prazer por meio da prática em si. Em detrimento disto, o que se identifica é um fim utilitário, a saber, o julgamento dos cavalos da raça crioula com o intuito de aperfeiçoá-la. Por conseguinte, considera-se, neste estudo, que as práticas que constituem o Prêmio Freio de Ouro não se configuram como práticas esportivas, mas sim como práticas equestres com elementos de esportivização.

As provas de Tiro de Laço e Crioulaço, por sua vez, também realizadas com cavalos crioulos, são desempenhadas pelo prazer em si na prática. Tais disputas fundamentam-se no que é realizado nas estâncias, quando existe a necessidade de imobilizar um boi/novilho para cuidá-lo ou marcá-lo. As disputas de tiro de laço, no Rio Grande do Sul, são realizadas, geralmente, com cavalos crioulos. Estes cavalos desempenham uma função importante na cultura do Rio Grande do Sul por apreender-se que são, legitimamente, originados na região dos Pampas do Cone Sul.

Com base nisto é que, provavelmente, foi instituído o Crioulaço. Desta forma, tanto as provas de Tiro de Laço como as do Crioulaço, desempenhadas sem um fim utilitário e pelo prazer em si na prática, são originadas da equitação sul-rio-grandense campeira e utilitária. Observam-se, assim, tanto no Tiro de Laço como no Crioulaço, manifestações de algumas características propostas como essenciais à concepção de esporte moderno. Por conseguinte, a antiga lide equestre de imobilizar um boi originou as práticas equestres com elementos de esportivização do Tiro de Laço e o Crioulaço.

Conclusão

Desta forma, conclui-se que as práticas equestres, utilizadas no trabalho e para confrontos, como as guerras e revoluções que ocorreram no sul do Brasil, também estavam presentes em práticas de lazer e diversão. Em meados do século XIX, iniciaram um processo de esportivização e desenvolveram elementos de esporte moderno. Amparados pelos conceitos de esportivização de Elias e Dunning, bem como o de Guttmann, que possuem uma concepção universalista e continuista, ou seja, opõem a constatação

de uma descontinuidade, colocando todos os esportes modernos em uma genealogia de longa duração que encontram ancestrais mais ou menos diretos, pode-se afirmar que a incorporação de elementos de esportivização nas carreiras de cancha reta, nas touradas, no turfe, no Freio de Ouro, no Tiro de Laço e no Crioulaço, indica que as práticas equestres tendem a ter um caráter esportivo, para aqueles que as utilizam como fonte de lazer e diversão.

Referências

1. Roessler M, Rink B. Esportes Hípicos. In: Da Costa L, editor. Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF; 2006.
2. Torres RV. Cavaleiro & cavalo na equitação. Porto Alegre: Editora Rígel; 2008.
3. Rubert A. História da Igreja no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edipucrs; 1998.
4. Pereira E. As práticas eqüestres em Porto Alegre: percorrendo o processo da esportivização: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2012.
5. Mazo J, Gaya A. As associações desportivas em Porto Alegre (Brasil): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. 2006;6:11.
6. Bacellar C. Uso e mau uso dos arquivos. In: Pinsky CB, editor. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto; 2005.
7. Pimentel A. O Método da Análise Documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. nov. 2001;114.
8. Nunes ZC, Nunes RC. Minidicionário Guasca. Porto Alegre: Martins Livreiro; 1994.
9. Rozano M, Fonseca Rd. História de Porto Alegre: Jockey Club. Porto Alegre: Nova Prova; 2005.
10. Callage R. O cavallo e o homem. Revista do Globo. 1929.
11. Gianluppi LDF, Bortoli ECd, Schvarz Sobrinho R, Falcão TF, Silva TN. Agregação de valor em equinos da raça crioula: um estudo de caso. Archivos de Zootecnia. 2009;58(223):4.
12. Golin T. O povo do pampa: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades. 3º ed. Passo Fundo: UPF; 2004.
13. Kilpp C. Kriegerverein: a constituição da Sociedade de Guerreiros e das primeiras associações Teutônia/Estrela (1874/1950). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2008.
14. Bento TR. Remanescentes do turfe na cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2002.
15. Bissón CA. Moinhos de Vento: histórias de um bairro de elite de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: IEL; 2008.
16. Inauguração do Hipódromo. Gazeta de Porto Alegre. 13 maio 1880.
17. Franco SdC. Porto Alegre: guia histórico. 3º ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; 1998.
18. Moura GR. Jornal do Comércio: um lugar de memória através das crônicas de aquiles porto alegre. Das Américas. 2011.
19. Macedo FR. Porto Alegre: história e vida de uma cidade. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1973.
20. Revista *Sportiva*. novembro, 1907.
21. Guttmann A. From ritual to Record: the nature of modern sports. New York: Columbia University; 1978.
22. Assmann A, Mazo J. As schützenvereine sociedades de atiradores de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul. Esporte e Sociedade. 2012;7:11.
23. Silva C, Pereira E, Mazo J. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. Licere (Belo Horizonte Impresso). 2012;15:20.
24. Silva C. O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2011.
25. Laços de família. Recordar é viver. Santo Amaro a Galope. 2010:12.
26. Macedo FR. História de Porto Alegre. 3º ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; 1999.
27. As touradas em Porto Alegre. Correio do Povo. 13/02/1910.
28. Molinié-Bertrand A, Duviols J-P, Guillaume-Alonso A. Des taureaux et des

hommes Paris: Iberica Collection, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne; 1999.

29. Elias N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: Elias N, Dunning E, editors. A busca da excitação. Lisboa: Difel; 1992.

30. Santos RPd. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: DEL PRIORE M, MELO V, editors. História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP; 2009. p. 33.

31. As grandes touradas do centenário. Rio de Janeiro 1923.

32. Decreto-lei, (10 de julho de 1934).

33. Horn L, Mazo J. Um estudo histórico sobre a torcida do Grêmio Esportivo Renner de Porto Alegre/RS (1945-1959). Pensar a Prática (UFG). 2009;12:20.

34. Teixeira AL. Cavalo crioulo: o símbolo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Viver no Campo; 2011.

35. História do Freio de Ouro [Internet]. 2012 [cited 20 jun. 2012]. Available from: <http://www.racacrioula.com.br/site/content/historia/index.php?np=7>.

36. Elias N, Dunning E. A Busca da Excitação. Lisboa: Difel; 1992.

37. Appio F. Tiro de Laço. Coletânea Projeto EsperançaMaio/2010.

38. Ferreira CD. "35-CTG": o pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG. Porto Alegre: Martins Livreiro; 1987.

39. Orreda JM. MTG e CTGs, Movimento Tradicionalista Gaúcho e Centro de Tradições Gaúchas. Revista História em Debate. 1999.

40. II Exposição Agro-Pecuária. Correio do Povo. 08/05/1912.

41. Pimentel GGdA. Localismo e Globalismo na Esportivização do Rodeio. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. set. 2006;8(1):14.

42. Crioulo o símbolo do Rio Grande do Sul, (26 agosto 2002.).

43. Postais do Rio Grande do Sul: um olhar sobre o Estado com a razão e a emoção dos gaúchos: DCS; 2010.

44. Sarmiento MLB. Uma época para celebrar e registrar na história. In: Teixeira AL, editor. Cavalo Crioulo: o símbolo do Rio Grande do Sul. 2 ed. Porto Alegre: Viver no Campo; 2011.